

## **A LEITURA POPULAR DA BÍBLIA LEITURA FEMINISTA E DE GÊNERO NA AMÉRICA LATINA**

**Aluna: Mônica Baptista Campos  
Orientadora: Tereza M. P. Cavalcanti**

### **Apresentação**

No primeiro ano de nossa pesquisa observamos a leitura popular da Bíblia através de duas autoras que se situam na ótica feminista em sua abordagem da Escritura. Tal estudo nos levou a conhecer outras autoras e nos abriu para perspectivas novas, agora em relação à chamada “hermenêutica ecofeminista” da Bíblia.

De fato, a hermenêutica feminista, que se iniciou em meados da década de 70, teve como primeiro foco a mulher e suas relações: família, política, poder, trabalho, Igreja, etc. Mas a partir dos anos 1980 essa abordagem começa a refletir também sobre a relação mulher – natureza, sobre os problemas ecológicos, a situação de opressão em que se encontra a terra, os abusos do ser humano que ameaçam a vida, a humanidade e o ecossistema. São bastante alarmantes as condições futuras de vida para o nosso planeta. A própria ONU – Organização das Nações Unidas - publicou recentemente um estudo onde afirma que as mudanças climáticas previstas para os próximos anos são consequência do agir humano. A isso estão relacionados o desmatamento, a emissão de gases poluentes na atmosfera, o despejo de produtos tóxicos nos mares e rios, etc. Toda essa realidade atinge de modo especial as mulheres, que estão sempre lidando com a água, as plantas, a terra, o alimento...

No patriarcalismo, a associação entre mulher e natureza é imediatamente oposta à relação homem e cultura. E aqui, a perspectiva feminista também encontrou uma relação análoga entre a submissão/opressão da natureza e a da mulher.

A partir da Leitura Popular da Bíblia e da hermenêutica feminista na América Latina, desenvolveu-se a leitura Ecofeminista, que visa defender os movimentos pela vida e sua preservação, a construção da paz e o fortalecimento do movimento das mulheres, especialmente as pobres. O Ecofeminismo propõe novas relações, de perdão, de tolerância, de ‘poder com’ e não de ‘poder sobre’. E sob esta perspectiva nascem relações entre Ecofeminismo e cidadania, Ecofeminismo e espiritualidade, Ecofeminismo e ecumenismo, entre outras que serão abordadas nesta pesquisa, sempre levando em conta a perspectiva bíblica.

### **1) Ecofeminismo**

#### **1.1) Introdução: origem, relações e etimologia**

A palavra ecofeminismo refere-se à relação existente entre o feminismo e a ecologia. Essa aproximação se deve, sobretudo, à consciência de que “a dominação das mulheres está baseada nos mesmos fundamentos e impulsos que levaram à exploração da natureza e dos povos. Tanto o meio ambiente como as mulheres são vistos pelo capitalismo patriarcal como “coisa útil”, que devem ser submetidos às supostas necessidades humanas, seja como objeto de consumo, ou como meio de produção ou exploração”.<sup>1</sup> A primeira a utilizar o termo ‘ecofeminismo’ foi a escritora feminista francesa, autora de mais de cinquenta livros, Françoise d'Eaubonne em 1974. Para a filósofa Alicia Puleo, titular da Cátedra de Gênero da

---

<sup>1</sup> Revista espaço acadêmico n. 58 março 2006, **Net**, acesso em 21 agosto 2007 disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/058/58angelin.htm>

da Universidade de Valladolid, o pensamento ecológico e feminista são complementares e representam uma alternativa para a crise ética da sociedade individualista e consumista dos tempos atuais.<sup>2</sup>

O conceito "ecologia" resulta da ciência biológica dos sistemas naturais ambientais. A ecologia se propõe a examinar como as comunidades naturais sustentam saudavelmente a teia da vida e também como sofrem perturbações que causam morte da vida animal e vegetal. Obviamente, a intervenção humana é a principal causa dessas perturbações e do atual desequilíbrio causado no meio ambiente.<sup>3</sup> Ecologia origina-se dos termos do grego *oikos* (casa) + *logia* (estudo/ciência). Etimologicamente significa estudo da casa e interessa-se pelas relações dos seres vivos entre si e com o seu habitat.

Foi uma mulher, Rachel Carson, cientista e ecologista norte-americana, quem, na década de sessenta, primeiro alertou para a iminente crise ecológica que estava se estruturando no planeta. Seu livro 'Silent Spring' (A Primavera Silenciosa), publicado em 1962, traz uma série de advertências sobre o meio ambiente. Ainda hoje, a obra é considerada uma das mais importantes do século, ajudando a desencadear uma mudança de postura dos EUA e de outros países do mundo em relação aos pesticidas e poluentes. Como cientista, Rachel pesquisou e mostrou como o DDT<sup>4</sup> penetrava na cadeia alimentar e acumulava-se nos tecidos gordurosos dos animais, inclusive do ser humano – identifica-se a presença de DDT até no leite materno - podendo causar câncer e dano genético.

## 1.2) As correntes ecofeministas: discursos, posicionamentos e críticas<sup>5</sup>.

O feminismo é um movimento complexo que apresenta diversos discursos. Pode-se estabelecer um tipo de leitura deste movimento através de 'fases', 'gerações' ou 'ondas'. São basicamente organizadas em 'fases' a partir de seus enfoques, conteúdos, epistemologia, entre outros. A primeira geração - ou primeira onda do feminismo - nasceu como movimento liberal de luta das mulheres pela igualdade de direitos civis, políticos e educativos, direitos que eram reservados apenas aos homens, inclusive o voto. Desta fase faz parte o movimento pelo Sufrágio universal. Também denuncia a opressão à mulher imposta pelo patriarcado. A segunda geração opera com duas idéias distintas: feminismo de igualdade, que postula a busca pela igualdade e enfatiza a opressão masculina e uma outra corrente, que dá destaque à diferença, valorizando a experiência feminina naquilo que ela tem em sua especificidade. A terceira onda do feminismo concentra-se na análise das diferenças, da alteridade, da diversidade e da produção discursiva da subjetividade. É o feminismo influenciado pelo pensamento pós-estruturalista que predominava na França, especialmente pelo pensamento de Michel Foucault e de Jacques Derrida. Há um deslocamento do campo de estudo que antes focava sobre as mulheres e sobre os sexos e agora, dirige-se às relações de gênero. Essa geração revisa algumas categorias de análise que são fundamentais para os estudos de gênero: o conceito de gênero, a política identitária das mulheres, o conceito de patriarcado e as

---

<sup>2</sup> Revista ECO 21, **Net**, acesso em 21 de ago disponível em: <http://www.eco21.com.br/textos/textos.asp?ID=982>

<sup>3</sup> REUTHER, Rosemary Radford, Ecofeminism, **Net**, disponível em: <http://www.spunk.org/texts/pubs/openeye/sp000943.txt> acesso em 24 de ago 2007

<sup>4</sup> DDT: sigla para Dicloro-Difenil-Tricloroetano, primeiro pesticida moderno tendo sido desenvolvido após a Segunda Guerra para o combate dos mosquitos causadores da malária e do tifo. O DDT é insolúvel em água, mas solúvel em compostos orgânicos como a gordura e o óleo e tem um odor suave.

<sup>5</sup> Conforme pensamento de Alicia Puleo, em Revista ECO 21, **Net**, acesso em 21 de ago disponível em: <http://www.eco21.com.br/textos/textos.asp?ID=982>

formas da produção do conhecimento científico.<sup>6</sup> Todas essas ondas coexistem ainda hoje e o ecofeminismo é uma articulação proveniente da terceira fase do movimento feminista.

Até o presente momento, podemos dividir o ecofeminismo em três correntes. A primeira corrente, denominada ‘Clássica’<sup>7</sup> se inicia no final da década de setenta a partir de alguns grupos radicais feministas que recuperaram a antiga relação existente entre mulher e natureza com o intuito de lhe dar um novo caráter e significado. Este ecofeminismo é claramente situado na ‘diferença’, afirmando que homens e mulheres têm naturezas opostas, sendo a mulher caracterizada por um erotismo não-agressivo, igualitarista e por aptidões maternas que induziriam ao pacifismo e à preservação da natureza. O homem, por sua vez, estaria predisposto a realizar empresas competitivas e destrutivas, tendo assim uma essência violenta. A mulher, mais próxima da natureza, traz a possibilidade para a conservação da vida e do ecossistema através da ética do *cuidado*, que sempre fez parte das tarefas femininas – mulheres cuidam das casas, das crianças, dos enfermos-as, dos idosos-as, etc. Faz parte dessa corrente a teóloga americana católica Mary Daly, que depois de analisar vários mitos chega à conclusão de que a única religião que prevalece no mundo é a do culto do patriarcado; propõe o desenvolvimento de uma consciência ‘ginocêntrica’ e ‘biofílica’ de resistência, face à civilização ‘falocêntrica’ e ‘necrofílica’ dominante.<sup>8</sup> Parte das feministas considera esta perspectiva epistemologicamente ingênua – essencialismo – além de realizar uma demonização do varão.

A segunda corrente é denominada ecofeminismo espiritualista do Terceiro Mundo. Sofre influência da mística e de princípios religiosos, especialmente dos pensamentos de Ghandi na Ásia e da Teologia da Libertação na América Latina. Faço aqui uma observação. A Teologia da Libertação (TdL) foi muito criticada, alguns a julgavam uma teologia ‘puramente política’, pouco ligada ao *espírito*, só interessada pelas *realidades terrenas*, e é surpreendente que sua ‘influência-existência’ esteja na origem de um pensamento ecofeminista considerado ‘espiritualista’, pois era justamente isso que os críticos acusavam a TdL de não ser: espiritualista ou espiritual (nota-se que nesta crítica ainda prevalece uma leitura a partir de um princípio dualista, possivelmente obtusa, mas esta questão extrapola o objetivo do nosso estudo). A TdL era então considerada como marxismo, era política, luta de classes, era tudo, menos *teo-logia ou mística*. No entanto, na leitura das feministas de todo o mundo é principalmente esse caráter *místico/espiritual* que diferencia o ecofeminismo do Terceiro Mundo como segunda corrente, da corrente posterior, terceira portanto, denominada ecofeminismo construtivista. Porém, antes de nos referirmos à terceira corrente, convém nos aprofundarmos ainda mais nesta segunda corrente porque ela é justamente a que se conecta com a Leitura Popular da Bíblia, com muitos e significativos movimentos ecológicos e feministas no Brasil e na América Latina.

A segunda corrente defende que a opressão/violência sobre a mulher e a natureza tem sua origem nas concepções patriarcais de dominação, homogeneidade e centralização de poder. Vandana Shiva, física nuclear e filósofa indiana, argumenta que o que se recebe em nome de desenvolvimento é o mau desenvolvimento, fonte e origem de toda violência sobre a mulher e a natureza. Ela critica o desenvolvimento técnico ocidental e, através de seus livros,

---

<sup>6</sup> NARVAZ, Martha Giudice, KOLLER, *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 3, Metodologias Feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política, p. 647-654, set./dez. 2006.

<sup>7</sup> Assim denomina Alicia Puleo no texto *Feminismo e Ecologia*, Revista ECO 21, **Net**, acesso em 21 de ago disponível em: <http://www.eco21.com.br/textos/textos.asp?ID=982>

<sup>8</sup> Revista ECO 21, acesso em 21 de ago disponível em: <http://www.eco21.com.br/textos/textos.asp?ID=982>

nos informa sobre movimentos de resistência ao ‘mau desenvolvimento’ como é o caso das mulheres de Chipko, e que não recebem ‘espaço’ nas mídias e meios de comunicação. Conforme relata Alicia Puleo: “ Inspiradas no movimento de não-violência criativa de Ghandi, as mulheres rurais de Chipko, em nome do princípio feminino da Natureza da cosmologia da Índia, conseguiram deter o desflorestamento total do Himalaia, se alternando na vigilância da região e se amarrando às árvores quando os homens iam a cortá-las. Enfrentando seus maridos, que estavam dispostos a vender as florestas comunais, as mulheres de Chipko adquiriram consciência de grupo e, posteriormente, continuam lutando contra a violência doméstica e pela participação política.”<sup>9</sup>

Na América Latina, a corrente ecofeminista avança na trilha aberta pela Teologia da Libertação e, segundo a filósofa Alicia, está se dando a elaboração de um *pensamento teológico ecofeminista*. É necessário ressaltar a importância do caráter teológico do pensamento ecofeminista presente na América Latina, não é simplesmente a utilização de conceitos e/ou instrumentos de análise da área sociológica, ecológica, feminista, etc, é sobretudo um olhar teo-lógico que está fundamentando esta perspectiva ecofeminista do continente. Ivone Gebara, religiosa de formação filosófica, é identificada como uma das principais articuladores dessa corrente. Ela afirma que a justiça social também implica numa ecojustiça. As mulheres do Terceiro Mundo que vivem em uma economia de subsistência são as primeiras e maiores vítimas da atual crise ambiental. São as que primeiro sentem a escassez dos recursos naturais, da poluição dos rios e águas, da contaminação do solo em prol do desenvolvimento dos países de Primeiro Mundo. Esta corrente ecofeminista posiciona-se por uma postura crítica contra a dominação, pela luta antissexista e antirracista e contra todas as formas de preconceito enraizados pela sociedade patriarcal. Propõe desidentificar a imagem de Deus como um ‘dominador’, bem como postula uma nova compreensão para a antropologia cristã, que ainda se utilizaria de um princípio dualista baseado no binômio corpo-espírito. “A transcendência já não estaria baseada no menosprezo da matéria senão que se definiria como a imersão no mistério da Vida, pertenceria a um todo que nos transcende. Seria concebida como uma “experiência da beleza, da grandiosidade da natureza, de suas relações e de sua interdependência.”<sup>10</sup>

A terceira corrente é chamada de ecofeminismo construtivista, e defende que a relação profunda que existe entre a mulher e a natureza está associada às responsabilidades de gênero na economia familiar que foram criadas através da divisão do trabalho, da distribuição do poder e da propriedade, sendo, neste momento, necessário assumir novas práticas de relação de gênero e com a natureza.<sup>11</sup> Uma das principais representantes dessa corrente é a ambientalista Bina Agarwal, também indiana. Val Plumwood, teórica destacada do pensamento ecofeminista e filósofa australiana, insiste no caráter histórico e construído da racionalidade dominadora masculina. Afirma a necessidade de superação dos dualismos hierarquizados: natureza e cultura, mulher e homem, corpo e espírito, afetividade e racionalidade, entre outros. Há que se realizar uma análise desconstrucionista principalmente da visão grega de construção de um Eu masculino dominador, hiperseparado de seu corpo, afetos, mulheres, natureza, etc. Ainda segundo Alicia, esta terceira corrente é muito próxima da segunda, mas diferenciando-se pela não-inclusão do caráter místico/espiritual. Alicia afirma que a corrente mística se manifestou apta para a mobilização de grande impacto, fermentando ações de resistência com sucesso. No Brasil, temos o exemplo da mobilização de mulheres da Via Campesina (MMC, Movimento das Mulheres Camponesas) - Rio Grande do

---

<sup>9</sup> Idem.

<sup>10</sup> Idem.

<sup>11</sup> Revista espaço acadêmico n. 58 março 2006, *Net*, acesso em 21 agosto 2007 disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/058/58angelin.htm>

Sul - no dia 8 de março de 2006 (dia internacional da mulher), que expôs o debate em torno do impacto ambiental das grandes monoculturas. Elas desenvolveram uma ação política ao destruir mudas de eucaliptos pertencentes à Aracruz, empresa multinacional. Os-as trabalhadores-as rurais classificam as florestas de eucalipto como ‘desertos verdes’, em referência à eliminação da biodiversidade. Mas isso esbarra nos interesses do capital, das empresas, daquilo que chamam de ‘agronegócio’<sup>12</sup> e que movimenta milhões. Como se conclui, os-as pequenos-as agricultores-as, aqueles que vivem pela agricultura de subsistência são os mais prejudicados pelo desenvolvimento do ‘negócio da terra’, ou da utilização da terra tendo como fim e bem últimos, o lucro. O sociólogo Antônio Júlio de Menezes Neto, em seu artigo ‘Escolham o lado: reforma agrária ou “deserto verde”?’<sup>13</sup> afirma categoricamente: “É necessário dizer que o tão decantado agronegócio não conhece fronteiras para produzir alimentos para exportação, poupar trabalho humano, concentrar terras e degradar a natureza. E, o pior, é apoiado pela grande imprensa e pelo governo, que financia, através do BNDES e outros órgãos, plantios como o eucalipto para celulose, levado a efeito, por exemplo, pela Aracruz. Esses plantios são realizados em grandes extensões de terra, expulsando trabalhadores e famílias do campo (uma contra-reforma agrária) e degradando o ambiente. Criam miséria e violência ao seu redor, reduzem a biodiversidade e a variedade da fauna e flora, poluem as águas, contaminam o solo e aumentam as pragas. Suas áreas são também chamadas de “deserto verde” e, no Rio Grande do Sul, Estado onde aconteceu a destruição das mudas, já existem cerca 200 mil hectares plantados de eucalipto. No Brasil, só a Aracruz Celulose possui cerca 250 mil hectares plantados de eucaliptos, boa parte financiada com dinheiro público”. Ponto para o MMC, que conseguiu levar à sociedade a discussão sobre a monocultura e seus efeitos nocivos. A filósofa Alicia considera que a mística ‘da diferença’ tem em sua fraqueza teórica (essencialismo) a sua força prática. Impossível não fazer uma alusão à Paulo em 2Cor 12,10: “ Pois quando sou fraco, então é que sou forte”. Evidentemente, não propomos uma nova hermenêutica da frase, mas apenas refletimos sobre o caráter ambíguo da realidade em que vivemos e que de alguma forma, é expresso no pensamento paulino em semelhantes palavras.

A ecofeminista alemã Bárbara Holland<sup>14</sup> assinala que o ecofeminismo espiritualista trouxe grande contribuição à consciência contemporânea na medida em que utiliza a imagem de um diálogo horizontal, democrático e empático à Natureza, gerando uma sensibilidade diferenciada que, se alienada, faz retornar à concepção de Natureza como mero ‘recurso’ à disposição dos humanos. O próprio termo ‘meio ambiente’ parece traduzir a imagem de um cenário para as proezas da espécie humana. Rosemary Reuthers propõe que o paradigma ecofeminista deve ter a contribuição de uma equipe em que estejam trabalhando conjuntamente membros de diversas áreas - historiadores-as, cientistas sociais e da ciências biológicas, representantes das ciências econômicas, entre outros-as – e que partilhem da preocupação ante a interconexão existente entre a dominação das mulheres e a exploração da natureza. Também é necessária a presença de pessoas visionárias que possam imaginar um novo sistema sócio-econômico-cultural e uma nova consciência, de cooperação ao invés de

---

<sup>12</sup> agronegócio: é toda relação comercial envolvendo produtos agrícolas. No Brasil o termo é usado quando se refere a um tipo especial de produção agrícola, caracterizada pela agricultura em grande escala, baseada no plantio — ou na criação de rebanhos — em grandes extensões de terra. Estes negócios, via de regra, se fundamentam na propriedade latifundiária bem como na prática de arrendamentos.

<sup>13</sup> Disponível em [http://www.lpp-uerj.net/outrobrasil/Artigos\\_Destaque.asp?Id\\_Sub\\_Artigo=166](http://www.lpp-uerj.net/outrobrasil/Artigos_Destaque.asp?Id_Sub_Artigo=166), acesso em 23 nov 2007

<sup>14</sup> Revista ECO 21, **Net**, acesso em 21 de ago disponível em:

<http://www.eco21.com.br/textos/textos.asp?ID=982>

relações competitivas. Para isto, precisa-se de poetas, artistas e liturgistas, bem como de organizadores revolucionários para encarnar ‘relacionamentos doadores de vida’ (life-giving relationships) no sistema cultural e social.<sup>15</sup>

Os desafios do mundo contemporâneos - no tocante à esta pesquisa, a opressão (ainda) da mulher e a exploração da natureza - devem ser considerados como parâmetros para uma análise 'ecosocial' e exigem novas mediações para a elaboração de um modo sustentável de vida plena e em abundância, de vida humana e não-humana. E o ecofeminismo representa uma alternativa para a crise ética da atual sociedade individualista e consumista.

## 2) Ecofeminismo místico-espiritual do Terceiro Mundo.

Conforme já analisado no item anterior, uma das correntes do ecofeminismo tem suas raízes na Teologia da Libertação; acrescentamos a esta informação um pouco mais de especificidade: a corrente ecofeminista se fundamenta na *tradição* de mulheres feministas-libertadoras latino-americanas<sup>16</sup>, que foi objeto de nossa pesquisa anterior e que aqui entra em sua segunda etapa. Também propomos o acréscimo do termo ‘místico’, por tratar-se de uma melhor expressão para se relacionar com o mistério da vida. O mistério da vida é o Mistério de Deus, e a consciência ecofeminista do terceiro mundo vai se aproximando do Mistério de Deus quando se aprofunda no mistério da vida e começa tecendo fios, redes e inter-relações entre sistemas biológicos e econômicos, gênero e cultura, natureza e mulher, bíblia e ecofeminismo. Tudo isso faz parte da vida no planeta e no universo e a Criação de Deus é sobretudo, vida. Pelos menos assim é o testemunho contido na Sagrada Escritura.

Ainda que a Bíblia e/ou a tradição do cristianismo sejam acusadas de justificar a opressão da mulher e a violência sobre a natureza,<sup>17</sup> a Sagrada Escritura continua sendo fundamento para a compreensão das teólogas ecofeministas. Neste sentido, é de fundamental importância o CEBI – Centro de Estudos Bíblicos - uma associação ecumênica sem fins lucrativos que foi constituída por homens e mulheres justamente para divulgar, aprimorar e capacitar pessoas no método de Leitura Popular da Bíblia. Eles publicam vários livros sobre o ecofeminismo e a leitura bíblica. A coleção “A Palavra na Vida” tem três edições dedicadas ao tema, a saber: “Ecofeminismo: novas relações, nova terra e novos céus...”, “Bíblia e vida: tecendo com fios ecofeministas” e “Fontes e caminhos ecofeministas”. Também editou o livro de Maria Soave, missionária leiga, “A amante, a sábia, a guerreira, a feiticeira: uma poética ecofeminista do Novo Testamento” e mais uma infinidade de títulos sobre gênero, feminismo e ecologia. O CEBI também organizou um seminário sobre ‘ecofeminismo e novas relações’, especialmente com enfoque na questão metodológica e um encontro de assessoras do CEBI para discutir o tema ‘ecofeminismo: uma hermenêutica feminista’. Os seminários e encontros servem como estímulo ao debate bíblico-teológico-ecofeminista, bem como para a produção de material e textos que possam ser utilizados na formação e reflexão popular. Neste item propomos analisar a corrente ecofeminista a partir de duas perspectivas: do CEBI que se

---

<sup>15</sup> REUTHER, Rosemary Radford, Ecofeminism, **Net** disponível em:

<http://www.spunk.org/texts/pubs/openeye/sp000943.txt> acesso em 24 de ago 2007

<sup>16</sup> Projeto de Iniciação Científica 2006/2007: A Leitura Popular da Bíblia: leitura feminista e de gênero na América Latina. Nesta pesquisa relacionamos a experiência das mulheres feministas-libertadoras com as experiências de mulheres da Bíblia, abrindo espaço para uma nova compreensão da Teologia Feminista, até por ser a TF fruto de uma pertença a uma tradição eclesial cristã, trazendo a consciência da opressão masculina, mas também a memória libertadora e um projeto de libertação para as mulheres.

<sup>17</sup> Relacionado à interpretação de Gn 1,28 - “enchei a terra e submetei-a, dominai sobre os peixes do mar...” Este versículo é utilizado como a principal “justificativa” teológico-bíblica para a exploração e domínio do ser humano sobre a terra.

articula com a Leitura Popular da Bíblia e que chamamos aqui de “Ecofeminismo Bíblico” e a de Ivone Gebara que apresenta aspectos mais sistemáticos e epistemológicos.

## 2.1) Ecofeminismo Bíblico

É possível que para alguns segmentos da sociedade seja incompreensível a associação de um tema tão contemporâneo – ecofeminismo – com a leitura e interpretação bíblica, e isso também pareceu uma tarefa árdua à Maristela Tezza, conforme ela afirma em seu artigo ‘Ecofeminismo e Bíblia’<sup>18</sup>. Entretanto, a partir de uma contemplação mais ‘íntima’ do texto bíblico, Maristela indica que a Sagrada Escritura está cheia de temas sobre mulher e ecologia. A Bíblia fala da Criação (Gn 1-2), da rebelião da natureza (Ap 6-9), fala de fartura e de exploração; fala de mulher mãe dos viventes (Gn 3,20), ousada, castigada, a grande Prostituta (Ap 17), a Mulher revestida de sol (Ap 12). Há Salmos que bendizem a natureza, a casa (Sl 18; 138; 127; 128), provérbios (Pr 5; 26) que organizam a manutenção da casa e ação das mulheres. Também os profetas, como Oséias e Isaías, sonham com a grande utopia do Reino, parceria entre a natureza e o ser humano. No Novo Testamento, há comparações entre o Reino e as plantas, pássaros, alimentos, mulheres e crianças (Mt 24,32; Mc 4,1-9; 9,42-50; 10,13-16).<sup>19</sup>

### 2.1.1. Características

A análise que realizamos está focada principalmente sobre a série “A Palavra na Vida” e nos indica algumas características do pensamento teológico ecofeminista bíblico.

Como primeiro elemento, podemos indicar o caráter mais narrativo desta teologia, na qual muitas vezes é narrada a própria experiência de quem escreve:

*“Escolhi falar de hermenêutica bíblica ecofeminista através de contos. Nasci e fui criada numa terra de sol e mar. Fui amamentada com o leite de cabra e histórias de deuses e santos” (Maria Soave em Contos, cantos, encantos...De apocalipse a Gênesis...Uma mitopoiética ecofeminista).*

*“Na nossa experiência de vida entre mulheres empobrecidas, aprendemos que na vida cotidiana de luta pela sobrevivência da família, elas, as mulheres, junto com seus filhos e filhas crianças, são as principais vítimas de uma péssima qualidade de vida.” (Isabel Aparecida feliz e Mercedes de Budallés Diez em A terra e a mulher. Uma leitura ecológica de Apocalipse 12,1-18).*

*“Uma experiência prolongada no Nordeste marcou minha vida. Senti na pele o drama de muitas viúvas de Serepta que vivem sozinhas com suas filhas e filhos a dor da solidão, da miséria e do empobrecimento, a morte pairando sempre, ameaçando, atrometando em tempo de seca” (Jane Elisabeth Dwyer em De onde mesmo vem a força da vida... A viúva de Serepta: um olhar ecofeminista).*

O fato de haver a narrativa de uma experiência pessoal ou coletiva nos textos ecofeministas, pode ser visto como um aspecto semelhante à *construção* dos textos da Sagrada Escritura que foram originados das *experiências* de um povo. Na perspectiva ecofeminista, as narrativas sobre a vida das mulheres tem um caráter descritivo já as narrativas bíblicas, por serem de ótica masculina, têm preferencialmente uma perspectiva prescritiva para as mulheres.

---

<sup>18</sup> **A Palavra na Vida**, n° 175/176, São Leopoldo:2002, p.8

<sup>19</sup> Idem.

Outra característica pertinente ao ecofeminismo bíblico é a inclusão de prosa e verso no texto e aqui também se reproduz certa semelhança com a Bíblia, pois em muitos de seus escritos, a Sagrada Escritura contém um ou outro elemento, como por exemplo, o cântico de Ana em 1Sm 2, que é considerado fonte inspiradora para Lc 1,47. Maria Soave Buscemi, teóloga ecofeminista, em seu artigo *‘Do ego-centrismo para o eco-centrismo? Uma dança de relações de cura’*<sup>20</sup>, utiliza três poesias/cânticos que conferem mais dinamicidade à estrutura do texto, imprimindo uma quebra no ritmo da leitura e recolocando a poética da vida e das experiências humanas na dimensão teológica-bíblica. Apresento duas dessas poesias:

...com lunática alegria

Amigo, sou da terra,  
Nasci do útero da nação dos pinheiros araucárias  
Colo quente, terra do Povo Livre.  
Terra da humanidade terna e fraterna.  
Sou mulher-araucária,  
Mulher com raízes profundas, galhos verdes,  
Mulher-canto, mulher encanto, vôo, sonho e utopia.  
Mulher-nó-de-pinho, teimosa, dura, resistente.  
Amigo sou pão.  
Do fogo aprendi a lição da dureza,  
Do trigo a ternura e a doçura  
E do pão a ser alimento do teu caminhar.  
Deste eterno mudo mudar  
Nasce a vida, jorra o sangue  
Sou de lua, de sonho e de desejo.  
A minha noite é mais clara do que o dia.  
A minha escuridão é grávida de todas as alvoradas.  
Amigo, nasci mulher.  
É suficiente.

Maria Soave.

Ave Maria  
Ave Ave  
ave Maria  
metade lua  
metade cheia  
meia maré  
metade e meia  
metade nua  
metade véu  
meia menina  
mulher e meia  
senhora das águas  
divina sereia  
senhora do céu  
meia-noite  
e meia  
senhora do dia  
uma tarde e meia  
teia de lua  
metade do mundo  
Ave Maria.

Nancy Cardoso Pereira.

Não só a poesia é utilizada (poesias, muitas vezes, das próprias teólogas) como também canções da Música Popular Brasileira. A música expressa o cotidiano, as dificuldades, a vida nas suas particularidades, os sonhos, enfim, faz parte da cultura de um povo, e é valorizada pela literatura ecofeminista que insere a perspectiva bíblica a partir da própria expressão cultural do povo. A literatura ecofeminista compõe certa circularidade em seus escritos – contexto cultural – Bíblia – Bíblia – contexto cultural.

A teologia ecofeminista também pretende estabelecer um diálogo com outras culturas, especialmente as de maior representatividade no continente latino-americano - negra e indígena – e desenvolve reflexões a partir dos desafios à evangelização que se encontram neste tão múltiplo universo cultural.

No artigo *‘Ecofeminismo e a Cultura Negra’*<sup>21</sup>, de Maricel Mena López, é apresentada a questão da ancestralidade dos povos negros como ponto fundamental para a compreensão dos diversos grupos étnicos que foram trazidos para a América e Caribe. A

<sup>20</sup> **A Palavra na Vida**, n°174, CEBI, São Leopoldo: 2002, 74p.

<sup>21</sup> **A Palavra na Vida**, n° 175/176, CEBI, São Leopoldo: 2002, p. 20-29.

ancestralidade é o elemento cultural que possibilita a inserção do pensamento ecofeminista nestas comunidades, pois carrega o sentido do sagrado e da força vital<sup>22</sup>:

*“A ancestralidade é uma forma de o sagrado se perpetuar na vida das pessoas, o sagrado nasce da vida das comunidades e faz-se presente através da natureza, das pessoas, das coisas, da comunidade e da família, sendo esta entendida não no sentido de família nuclear, pois ela abraça os parentes e pessoas não consangüíneas que compartilhem a vida do grupo. E este sagrado presente na natureza é a força vital que lhes permite experimentar que tudo o que existe tem vida, é a força que alguns chamam de Axé. Por isso, vários mitos da criação se fazem sempre em cooperação com os outros seres criados, incluindo mulheres e homens. As criadoras se colocam ao lado dos criadores e, juntamente com eles, exercem o poder de instaurar e chefiar a vida. Vemos então, que existe uma integração do ecológico e do feminino nas cosmovisões afro-americanas e caribenhas”.*<sup>23</sup>

Téa Frigério, em seu artigo ‘Textos Sagrados’<sup>24</sup>, traça um paralelo entre o texto de Gênesis 6,5-9,17 e o mito indígena da “Terra sem Males”. Nesta análise, a autora ressalta que cada texto possui sua particularidade e peculiaridade, mas ambos tentam responder às questões dos grupos humanos sobre seu destino, sofrimento, relação com os outros humanos, com o universo e com o transcendente. Mas há significativas semelhanças, tratando-se de povos tão distintos. No mito dos Guarani Apapocuva, o grande Pai quer acabar com a terra por causa da maldade; alguém merece ser avisado – o grande pajé Guiraypoty – e consegue se colocar a salvo com sua família; Guiraypoty constrói uma casa para resistir às águas; há uma grande inundação, a casa flutua e dessa experiência nasce o mito da terra sem males (Yvy marã) – “*subiu até chegar à porta do céu, onde ficaram morando.*” Tanto no relato do Gênesis quanto o da “Terra sem Males”, a catástrofe acontece pela maldade humana e esta atinge todo o universo. A salvação da natureza e da humanidade é mediada por uma família. Nas palavras de Téa:

*“ A utopia expressa no mito Terra sem Males faz ecoar em nós a utopia alimentada e, Isaías e no livro do Apocalipse: “ Vi então um céu novo e uma terra nova...Ele enxugará toda lágrima dos olhos, pois nunca mais haverá morte, nem luto, e nem dor...há árvores da vida que frutificam doze vezes, dando frutos e cada mês; e suas folhas servem para curar as nações...” (Ap 21,1-22,5; Is 65,17-25). Sintonia de palavras, sintonia de esperança de vida plena, pois este é anseio da humanidade de todos os lugares e todos os tempos.”*

Nesta perspectiva de diálogo com as culturas do continente, há um grande desafio teológico e pastoral que é nos libertarmos da herança da ‘evangelização’ colonial, que Leonardo Boff chamou de Transculturação<sup>25</sup>, espécie de uma aculturação<sup>26</sup> forçada (por violência física e simbólica). Boff considera que o cristianismo tem uma dívida cultural com os povos negros e indígenas, pelo fato de a colonização ter destruído culturas-testemunhos, tê-

---

<sup>22</sup> Relembrando que uma das características da corrente ecofeminista latino-americana é a perspectiva espiritual-mística.

<sup>23</sup> Idem, p. 22.

<sup>24</sup> **A Palavra na Vida** n° 177/178, CEBI, São Leopoldo: 2002, p. 7-17.

<sup>25</sup> BOFF, Leonardo, **Nova Evangelização, Perspectiva dos Oprimidos**, Vozes: 1990, p.24

<sup>26</sup> Aculturação: processo que uma cultura conhece quando entra em contato com outras culturas, se adapta a elas e assimila elementos delas a partir de suas próprias matizes.

las submetido às formas de sincretismo de resistência, traumatizando as pessoas até hoje<sup>27</sup>. O ecofeminismo bíblico vem realizando uma aproximação positiva com essas culturas, resgatando o respeito e apoiando-as, dialogando através da Bíblia. Entretanto, o diálogo nos interpela sobremaneira, principalmente quando nos deparamos com uma afirmação como esta: “Somos especialistas em usar sem destruir. Fazemos isso há milênios” (Bonifácio Baniwa, líder indígena)<sup>28</sup>. Este líder se referia à relação do seu povo com a natureza.

### 2.1.2. Linguagem simbólica e desafios.

A leitura ecofeminista visibiliza alguns desafios a partir do entendimento da religião como um sistema de símbolos. A proposta é rediscutir os sistemas simbólicos que são usados na linguagem religiosa. Isto é urgente e necessário, na medida em que o símbolo “toca em núcleos, pontos internos nossos que remetem a campos e áreas mais profundos e amplos. Esses campos são os lugares que contêm histórias que um dia vivemos, imagens que criamos, emoções que tivemos, e, ao serem tocados, ressurgem e expressam o mistério da vida/morte”<sup>29</sup>.

O símbolo é uma ponte<sup>30</sup>, e para o ser humano religioso, a linguagem simbólica é a melhor forma de se relacionar com o Criador, considerando-se como uma ‘necessidade antropológica’ a universalidade de cantos, ritos e gestos que encontramos em diversas civilizações e culturas. O símbolo é a ponte que permite o ser humano atravessar o abismo que o separa da Transcendência. E cada grupo social, em sua época, produziu seus sistemas de símbolos, ritos, cantos para se re-ligar com Deus.

Uma das principais questões apontadas pelas ecofeministas é a Imagem de Deus, prioritariamente relacionada a um deus masculino, que embora libertador, gera dependência psicológica e cultural. O poder salvador que se expressa somente no símbolo masculino é dualista e tem a ver com pactos políticos e sociais<sup>31</sup>.

Há também o desafio antropológico, de se redescobrir em meio a uma sociedade que mistifica os papéis de gênero e dificulta a construção da cidadania da mulher. A lógica masculina é de ‘longa duração’, forma conchavos e armações entre os homens, incentiva a divisão entre as mulheres: sogra x nora; mãe x filha.

A leitura ecofeminista também afirma a necessidade de se re-elaborar o corpo da mulher, que foi distorcido e deturpado pelas fibras mais finas do tecido religioso. Portanto a feminização<sup>32</sup> de conceitos religiosos não alcança o corpo das mulheres, pois não toca na base da estrutura conceitual. Neste sentido, os tabus e preconceitos permanecem e se solidificam, pois se tornam mascarados.

Há, sem dúvida, uma dificuldade de expressar a experiência das mulheres em um sistema de símbolos. Faz-se necessário percorrer o caminho do empoderamento e isto também significa inventar ou re-inventar. Segundo a análise das ecofeministas, o cotidiano tem se revelado um espaço fecundo para se re-elaborar novas relações (e daí novos símbolos), na medida em que quebra a lógica do eterno e imutável, pois a realidade diária é fragmentada e,

---

<sup>27</sup> Idem, p. 9.

<sup>28</sup> Por Araceli Lemos, deputada estadual paraense, presidente estadual do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), no Pará, e integra o conselho político do mandato do senador José Nery (PSOL-PA) em <http://aracelilemos.uniblog.com.br/> acesso em 28 de nov.2007.

<sup>29</sup> MASSER, Maria Celina, **O que dizem os símbolos?** Paullus: São Paulo, 2003, p.6.

<sup>30</sup> Idem.

<sup>31</sup> Conf. **A Palavra na Vida**, n°174, CEBI, São Leopoldo: 2002 p.14.

<sup>32</sup> Trata-se da tentativa de feminilizar o sagrado utilizando-se referências de linguagem tais como designar Deus com o pronome feminino ‘ela’ e como ‘mãe’, adornar lugares sagrados com imagens femininas, flores ou semelhantes identificações do feminino na cultura.

aos poucos, vai se construindo a nossa realidade, ou seja, deve-se considerar o cotidiano como uma categoria hermenêutica.

É mister construir uma ‘passagem’, uma ‘ponte’ e um símbolo que expresse adequadamente a mudança de um padrão *competitivo* para um padrão *cooperativo*.

Torna-se também importante a reflexão sobre o *poder* e os *espaços sagrados* que também são *espaços de poder*. Faz-se necessário pontualizar o poder e os eixos que lhe podem ser atribuídos<sup>33</sup>:

> Poder sobre = hierárquico e dominador;

> Poder com = conspirando juntas-os;

> Poder para = a vida, libertação.

A questão do poder deve ser encarada a partir de diferentes aproximações e abordagens, pois o poder “foi e continua sendo exercido como dominação dos homens sobre as mulheres e natureza”<sup>34</sup>. Daí a necessidade de se exercitar em novas relações a partir do empoderamento da mulher no seu cotidiano.

Ainda que a proposta ecofeminista seja de novos sistemas simbólicos, a Bíblia ocupa lugar de destaque, pois as mulheres concluem que a fundamentação bíblica ajuda-as a des-construir e re-construir diferentes imagens de Deus e as alimenta na mística; a Bíblia é companheira desde a infância, é um livro cheio de vida, de histórias, cantos, crises, louvores como a própria vida. A Sagrada Escritura é referencial para o entendimento do mundo<sup>35</sup>.

### 2.1.3. Reflexões Ecofeministas: perguntas feitas ao texto bíblico

Partindo-se da própria palavra, a literatura ecofeminista conjuga aspectos da mulher e da ecologia. Como já dito, ela também utiliza elementos culturais de outras tradições, de forma que em seus textos encontramos expressões como ‘Mãe-Terra’, ‘Pacha Mama’ e alguns outros elementos de raízes culturais diversas, mas é sobre a Bíblia que a literatura ecofeminista traz significativas reflexões realizadas através de perguntas ao texto bíblico. Como diz Elaine Neuenfeldt: “Propomos, então, outras perguntas aos textos bíblicos. Textos estes que há muito tempo lemos desde referenciais sociológicos, econômicos, etc. São perguntas outras, que brotam de **relações**...entre as pessoas, entre pessoas e natureza. Isso não significa substituir uma perguntas pelas outras, mas ampliar o leque de entradas, de portas e janelas, que ventitam um texto. Implica alargar conceitos”<sup>36</sup>.

Para melhor compreensão sobre as possibilidades abertas pela leitura ecofeminista, apresentamos um resumo em tópicos do texto *Êxodo: geografia e população*, de Nancy Cardoso Pereira<sup>37</sup>:

Questão proposta: ler o Êxodo 1 e 2 com olhos ecofeministas, exercitando de modo específico a pergunta pela questão populacional. Relações entre população, meio ambiente, recursos naturais e modelo de desenvolvimento.

Eixo de Análise do Texto Bíblico: O Êxodo é memória libertadora que já foi revisitado diversas vezes. Nancy parte do pressuposto de que o texto chamado de ‘Javista’, foi desenvolvido na época de Salomão e que por isso, além de memórias populares traz também os interesses do Estado salomônico na sua manutenção, principalmente na moldura dos dois primeiros capítulos. Assim, o texto trabalha na ambigüidade, fala-se da opressão do Faraó a

---

<sup>33</sup> Idem, p. 16

<sup>34</sup> Idem.

<sup>35</sup> Idem, p.31-32

<sup>36</sup> **A Palavra na Vida**, nº177/178, CEBI, São Leopoldo: 2002 p.5.

<sup>37</sup> Idem, p.18-29.

partir do que se conhece do governo de Salomão. A autora propõe distinguir *filhos de Israel* de *hebreus*, sendo que os primeiros nos remetariam ao contexto do Estado salomônico enquanto que o segundo seria uma referência aos ‘apiru’, termo depreciativo que designa pessoas ou condição marginalizadas.

Geração e Fertilidade: “Mas os filhos de Israel foram fecundos, e aumentaram muito, e se multiplicavam, e grandemente se fortaleceram, de maneira que a terra se encheu deles” (1,7). Nancy argumenta que ‘o controle vai se organizando de duas maneiras: controle de força produtiva e da força reprodutiva’<sup>38</sup>. Se, num primeiro olhar, a agilidade e fertilidade das mulheres hebréias podem parecer prática libertadora, um olhar mais cuidadoso pode identificar elementos de uma ideologia de estado que instrumentaliza e idealiza o protagonismo das mulheres nas questões reprodutivas como elemento de manutenção de uma certa lógica de Estado (época de Salomão) que oprime o trabalho produtivo: “essa intertextualidade é importante para se perceber que na edição final do texto do Êxodo se articula um discurso sobre o momento fundante do povo de Israel em que se propõe uma organização social e seus mecanismos de controle”<sup>39</sup>. É inviável que se considere a saída do Egito com um contingente populacional grande, pois os números exagerados não condizem com as condições materiais possíveis da época do Egito (Ex 12,37).

Reflexão: a defesa dos processos reprodutivos que muitas mulheres latino-americanas viam e idealizavam como ‘feitos heróicos femininos’, não reforçaria os mecanismos que não deixam ver as relações entre opressão do trabalho produtivo – também feito por mulheres – e os mecanismos de opressão do trabalho reprodutivo? Nancy questiona se não é esta a intenção dos capítulos 1 e 2, o elogio do papel reprodutivo da mulher tem como função alienar ou subjugar uma possível real participação de mulheres na experiência de libertação. Em relação às parteiras que salvam Moisés, o texto idealiza toda uma situação apresentando um exercício de resistência das mulheres hebréias que está associado a capacidade de gerar filhos. Seria este o lugar da mulher hebréia na resistência? Ser fecunda? Somente uma leitura ingênua e legitimadora do Estado não veria a articulação e controle do mesmo Estado sobre a capacidade dos corpos das mulheres. A fertilidade é utilizada para responder às expectativas da casa/povo, Moisés é fruto deste heroísmo ‘subversivo’ das mulheres. A história de Israel é a de muitos meninos famosos – Isaíque, Samuel, Sansão - e estes são frutos do heroísmo reprodutivo que restringe de modo dramático a possibilidade para a ação de mulheres.

Conclusão: os capítulos 1 e 2 podem ser lidos como peça ideológica do Estado, nos tempos de Salomão. Formatam processos sociais no modo de produção tributário que necessitam de mão de obra excedente para uso no campo, construções, comércio, exército, etc. A experiência de Deus é construída em termos de gênero: para homens, a mobilidade social e o reforço de papéis sociais de poder (Moisés, Arão..), e para as mulheres, o reforço em sua função biológica e a manutenção da dimensão reprodutiva. Êxodo como libertação - quando Deus ouve o clamor e conhece o sofrimento do povo – requer uma pergunta: também se refere ao sofrimento das mulheres que são encapsuladas nas políticas de controle populacional, reposição da força de trabalho e funcionalização dos processos corporais? Re-ler o Êxodo, ou melhor “tomar o Êxodo nas mãos”<sup>40</sup>, é não deixar que digam às mulheres como é a libertação, é assumir a discussão sobre os direitos reprodutivos e políticas

---

<sup>38</sup> Idem, p. 21.

<sup>39</sup> Idem, p. 24.

<sup>40</sup> Idem p. 27.

populacionais, e que também poderá ser um rascunho importante para a re-invenção das perguntas e do trabalho da hermenêutica bíblica.

## **2.2 Ivone Gebara e a epistemologia ecofeminista**

### **2.2.1. Apresentação da autora.**

Como já dito anteriormente, Ivone Gebara é referência para a Teologia Ecofeminista na América Latina. Ivone é religiosa, pertence à Congregação das Irmãs de Nossa Senhora Cônegas de Santo Agostinho, nasceu em São Paulo e mora em Recife há mais de trinta anos. Doutora em Filosofia e Ciências da Religião, lecionou por dezessete anos no Instituto Teológico de Recife até ser notificada pelo Vaticano em 1995 a fazer um voto de silêncio por dois anos. Tem inúmeros livros e artigos publicados em diversas línguas; a saber, alguns títulos: com Maria Clara Bingemer escreveu 'Maria, mãe de Deus e mãe dos pobres' (1987), 'As incômodas filhas de Eva na Igreja da América Latina' (1989), 'Trindade, palavra sobre coisas velhas e novas: uma perspectiva ecofeminista' (1994), 'Teologia Ecofeminista' (1997), 'Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal' (2000), 'As águas do meu poço' (2005), 'O que é teologia' - coleção Primeiros Passos - (2006), 'O que é teologia feminista' - Coleção primeiros Passos - (2007). Também participa da Associação dos-as Teólogos-as do Terceiro Mundo (Asett) e da *rede* formada por mulheres denominada *Con-spirando*, com sede no Chile, que edita a revista *Con-spirando* e se propõe a articular ecofeminismo, espiritualidade e teologia. Ivone também ministra palestras, cursos sobre ecofeminismo no Brasil e no mundo. A biografia e o trabalho de Ivone são extensos, mas optamos por privilegiar, nesta pesquisa, a reflexão contida no seu livro 'Teologia Ecofeminista' cujo enfoque principal repousa sobre a epistemologia.

### **2.2.2. Epistemologia Ecofeminista**

A autora conta que a sua reflexão ecofeminista nasceu da convivência e da observação empírica da vida das mulheres pobres do Nordeste. A partir daí, Ivone percebeu a conexão entre a escravidão econômica e social das mulheres e a escravidão da terra nas mãos de poucos latifundiários<sup>41</sup>. É portanto, também a partir da experiência do cotidiano que se percebe que as mulheres suportam duplamente a escravidão econômica, pois na organização social, que privilegia os homens, são elas que assumem o encargo dos filhos, são as responsáveis por leva-los ao médico e enfrentam longas filas, são as mulheres que traçam uma via crucis em busca de remédios e os recursos necessários à manutenção da vida.

Ivone propõe que enfrentemos as conseqüências reais do discurso religioso e sua influência na atual crise que atravessa o planeta e a comunidade humana. O discurso das religiões cristãs é antropocêntrico, androcêntrico, branco e ocidental, prevalecendo-se da imagem masculina de Deus.

A perspectiva ecofeminista parte de um referencial mais amplo e inclusivo - não antropocêntrico, androcêntrico, etc - e isso acaba por remeter a uma nova percepção que se refletirá numa abertura a novos horizontes de relações. Entretanto, é necessária uma reflexão epistemológica sobre o saber religioso institucionalizado, pois a partir do conhecimento de sua estrutura, pode-se limitar a experiência religiosa e até controlá-la em suas manifestações, inclusive no nível cognitivo<sup>42</sup>. "Trabalhar a epistemologia é querer influir nos processos de transmissão do conhecimento e tentar mudar a estrutura hierárquica de poder que se reproduz nas bases de nossa sociedade e de nosso conhecimento"<sup>43</sup>.

---

<sup>41</sup> GEBARA, Ivone, Teologia Ecofeminista, Ed. Olho D'água, São Paulo: 1997, p. 15.

<sup>42</sup> Idem, p.27.

<sup>43</sup> Idem, p.29.

### 2.2.2.1. Características da Epistemologia Teológica Patriarcal

Um dos traços principais da epistemologia patriarcal e que ‘orienta’ a teologia cristã é o caráter **essencialista**. A teologia cristã pressupõe *uma essência das coisas*, anterior a nós mesmas - “parece que não somos o que somos na nossa cotidianidade”<sup>44</sup> - devemos então retornar a uma imagem anterior a nós; embora a vida caminhe para frente, a concepção que se obtém através de uma posição **essencialista** é de um movimento de retorno, de volta. “A ‘*essência humana*’ corresponderia à realidade anterior à ‘queda’ de Adão e Eva. A ela devemos voltar sempre, em busca da unidade perdida<sup>45</sup>.”

A crítica que a autora faz sobre a perspectiva essencialista é que nela existe uma certa negação da realidade paradoxal que nos caracteriza em prol de um ideal de convivência humana e de obediência a Deus. Esse ideal é buscado no referencial bíblico como além da realidade empírica, é um dado revelado – “é como se ele pudesse fornecer certezas que legitimariam nosso conhecimento e ações<sup>46</sup>.”

Ivone cita Carlos Mesters que em seu livro ‘Paraíso, saudade ou esperança?’ que ‘põe’ o Paraíso terrestre não como origem, mas como esperança, desejo e sonho coletivo da comunidade cristã. Na interpretação de Mesters, o mal vem de ADAM, do próprio homem, não de Deus. Se está no homem a origem dos males, então por uma conversão e iniciativa própria, o homem poderá atingir o ideal do paraíso – aqui está o objetivo da narração. Segundo Ivone, a inversão não provoca uma mudança de paradigma. De fato, traz uma esperança para a humanidade, já que na essência humana está a bondade e a possibilidade de felicidade e isto equivaleria a dizer que o mal não tem a última palavra na História humana. A crítica que Ivone faz a esta perspectiva é de que “essa determinação da substância humana do lado do bem parece cada vez mais problemática”<sup>47</sup>, já que a nossa experiência revela uma mistura de maldade e bondade nos comportamentos humanos. A autora propõe repensar o ser humano não a partir de essências – boas ou ruins – mas a partir de uma realidade integrada, cósmica e complexa da qual fazemos parte.

Como segunda característica, Ivone entende que a **epistemologia monoteísta** apresenta um modelo divino centralizador que torna possível o conhecimento humano; embora de raízes culturais precisas, o *monoteísmo* tenta impor-se às demais culturas como verdade do Deus Único e Criador. Deus é tratado como uma ‘aquisição incontestável’, é o ‘objeto’ de estudo e conhecimento da teologia, embora, segundo a autora, bem pouco objetivo. A teologia não discute a forma de existência de Deus mas parte de sua existência como um dado, como se o Mistério que nos envolve não nos tocasse na ‘irracionalidade’, na criatividade, apenas nas ‘certezas da razão’.

A crítica de Ivone é construída com alguns exemplos bíblicos, ela cita Gn 1 e a narração da criação do mundo. O Transcendente é de outra ordem, é um Ser absolutamente diferente e que se torna o fundamento de tudo que existe aqui e agora. Mas nem sempre esse caráter transcendente e misterioso do sopro criador foi respeitado, algumas vezes foi reduzido a um mero impulso mecânico – “é bom lembrar que, no texto, o ser humano não apenas nomeia a criação como obra da Palavra de Deus, mas se nomeia como obra da mesma Palavra<sup>48</sup>.” O ser humano é o único entre todas as criaturas capaz de nomear suas origens, e isto lhe dá o poder de nomear Deus e o poder de tornar Deus sua imagem, o centro da criação;

---

<sup>44</sup> Idem, p.39.

<sup>45</sup> Idem p.39.

<sup>46</sup> Idem p.40.

<sup>47</sup> Idem, p.42.

<sup>48</sup> Idem, p.43.

ou seja, para a autora, “*antropocentrismo e monoteocentrismo se confundem e se distinguem num mesmo processo. Um depende de outro para viver*”<sup>49</sup>.

A narrativa do Êxodo, capítulo 3 – vocação do herói masculino Moisés - também é analisada pela teóloga que nos apresenta a seguinte perspectiva:

*“ ...a ‘pessoa’ de Deus capta a necessidade de liberdade do povo e parece tomar a iniciativa da saída do Egito. Aqui o povo transforma sua experiência em ‘palavra’ ou ‘ação de Deus’. Entretanto, ela não é transmitida como ‘nossa palavra’ e ‘nossa experiência’, mas como sendo uma palavra e uma decisão acima de nós com uma expressão histórica claramente masculina.”*<sup>50</sup>

A autora indica que há uma estrutura básica nos discursos sobre as ações libertadoras de Deus. A justiça vem de Deus, e só Ele sabe do que o ser humano necessita. Este tipo de transcendência absoluta de Deus – Deus influi diretamente no curso da História e no mundo da imanência, entretanto nem sempre sai vitorioso – parece corresponder à estrutura de organização sociopolítica vigente na época do escrito, que justifica as autoridades dos que tem poder de libertar o povo e favorece a conservação de uma estrutura hierárquica útil à manutenção da ordem social.

Embora Ivone Gebara não faça referência à época em que foi escrito o Êxodo, nem a nenhuma exegeta, esta perspectiva é compatível com a de Nancy Cardoso Pereira na sua releitura apresentada nesta pesquisa, e que indica os Capítulos 1 e 2 do Êxodo como peças ideológicas do estado de Salomão. Tanto Ivone quanto Nancy apontam para o caráter de uma experiência de Deus construída em termos de gênero, legitimando a ação masculina de Deus na libertação do Êxodo.

Segundo Ivone, nosso conhecimento é condicionado por aqueles que estão no poder, dando ‘as cartas do jogo’ e que detêm o poder do conhecimento e de decisão na vida social.

Como terceiro elemento característico da epistemologia patriarcal, Ivone destaca o foco privilegiadamente **androcêntrico**. O centro do conhecimento teológico é a experiência masculina – no Êxodo, o grande representante da luta libertadora é Moisés – as mulheres têm uma experiência secundária, afinal “o mundo doméstico, território das mulheres não entraria na grande aventura de fazer acontecer a justiça, a solidariedade e a paz<sup>51</sup>.” Na verdade, a mulher é sempre culpabilizada: Miriam e Aarão questionaram a liderança de Moisés – “Será que o Senhor falou apenas através de Moisés?” (Nm 12,2), mas só Miriam foi punida com uma doença de pele. A teóloga considera que este comportamento é reproduzido até hoje, seja nas igrejas ou na família. A mulher é responsabilizada quando a família não cresce harmoniosamente, quando os filhos e filhas encontram dificuldades na escola, são também elas as responsáveis nas Igrejas no que se refere à limitação da natalidade e planejamento familiar, afinal, como diz Ivone, os juizes masculinos são mais condescendentes com seus semelhantes.

A epistemologia e teologia patriarcal afirmam que existem ‘**verdades eternas**’, indiscutíveis. Uma delas é a afirmação de Deus como Ser Absoluto, criador de tudo. As verdades reveladas não podem ser condicionadas aos contextos culturais embora se manifestem neles. Em termos epistemológicos, isso significa que na nossa experiência cognitiva estamos articulando dois níveis de fenômenos: conhecimento sobrenatural e conhecimento natural, sendo o primeiro de maior prevalência em relação ao segundo, mas não

---

<sup>49</sup> Idem p. 44

<sup>50</sup> Idem p. 44

<sup>51</sup> Idem, p.46

*necessariamente* havendo oposição entre eles. Ivone considera que isto pode advir de uma estrutura metafísica platônico-aristotélica que foi acoplada à tradição teológica cristã.

Ivone analisa um texto do livro de Ronaldo Muñoz<sup>52</sup> no qual a ressurreição é interpretada metafisicamente, como evento após a morte de Jesus:

*“ No texto, o Deus verdadeiro, o Pai de Jesus Cristo é afirmado como ‘o Deus verdadeiro’ e portanto como **verdade indubitável**. As provas para esta afirmação são de ordem até certo ponto histórica, porém interpretadas a partir de uma metafísica dualista e a-histórica.”<sup>53</sup>*

A teóloga propõe esta nova perspectiva para a ressurreição:

*“...numa estrutura não metafísica, a ressurreição seria afirmada prioritariamente como a própria prática histórica de Jesus, a qual lhe valeu a morte. Essa prática, continuada por seus discípulos e discípulas, é que é necessariamente ressuscitada. Numa estrutura teológica diferente não se afirma a ordem metafísica da ressurreição necessária no esquema patriarcal dada a afirmação de Jesus como verdadeiramente homem e Deus. Acolhe-se o mistério enigmático e processual da Vida. Silencia-se diante de seu silêncio e acolhe-se o mistério da vida e da morte como realidade sempre maior do que a compreensão humana.”<sup>54</sup>*

Ivone argumenta que sob esta nova perspectiva, não se pode dizer que a proposta de Jesus seria formar algum esquema que pudesse ser formatado em **verdades eternas**. Trata-se de uma orientação da existência, um caminho que se abre a partir da vida cotidiana – não se pode dizer que é metafísica comparar o Reino ao fermento que uma mulher mistura à farinha ou a um grande banquete onde todos-as se saciam. É a sabedoria tirada do cotidiano da vida.

Por fim, o último elemento que a autora destaca na teologia patriarcal é a sua epistemologia **aristotélico-tomista**, própria da Idade Média. Nesta perspectiva, entende-se o mundo a partir da distinção entre as verdades adquiridas pela razão natural e as verdades da fé<sup>55</sup>. Embora diferente, não há contradição entre elas, entretanto a razão deve estar submetida às verdades da fé.

Esta estrutura de conhecimento está limitada por afirmações imutáveis, as ‘verdades de fé’ ganham quase uma existência em si mesmas e não podem ser questionadas, “a partir delas também se afirma o poder dado às autoridades eclesiais masculinas como guardiãs da fidelidade a esta doutrina”<sup>56</sup>.

#### **2.2.2.2. Características da Epistemologia Ecofeminista**

Como primeiro elemento, Ivone destaca a **interdependência** do conhecimento ou **relacionalidade**, que é identificada pela autora como a experiência básica de todos os seres humanos. Esse é um ponto fundamental, pois a partir daí, delinea-se uma nova compreensão do conhecimento, como ato humano não só no que se refere ao tipo de elaboração e consciência particulares a nosso tipo de organização, “mas também é conhecimento animal, vegetal e cósmico em nós”<sup>57</sup>.

---

<sup>52</sup> Idem, cf p. 48, ‘O Deus dos Cristãos’, Ed. Vozes, 1986, p.26.

<sup>53</sup> Idem, p.49.

<sup>54</sup> Idem p.49.

<sup>55</sup> Idem, p.50

<sup>56</sup> Idem, p.51

<sup>57</sup> Idem, p.60

A perspectiva de **interdependência** abre a possibilidade para a importância de um Corpo Maior e uma maior capacidade de respeitar e cuidar dele. Trata-se de uma abertura para captar outros recursos disponíveis em nossa experiência que não se limitam ao horizonte antropocêntrico. Neste sentido, estamos alargando a nossa esfera de conhecimento, introduzindo nos processos educacionais a perspectiva de '*comunhão com*', reduzindo a competitividade e ampliando o cultivo de qualidade esquecidas no sistema hierárquico excludente. O ecofeminismo afirma que os objetos estão contidos no sujeito, não são separados, mas interdependentes; o sujeito é inter-conectado com tudo o que se propõe conhecer. O conhecimento pessoal é apenas mais um aspecto dessa relação.

Na epistemologia ecofeminista, o 'humano' surge em profunda conexão com o 'não-humano', portanto não é reduzido a uma experiência existencial moderna, mas procura por uma nova compreensão “de nosso ser pessoal no Ser Maior, no Corpo Sagrado da Terra e do Cosmos”.<sup>58</sup> Ivone propõe que essa interdependência seja vital, visceral e sagrada, não apenas mecanicista. Isto exige uma série de mudanças estruturais, ligadas a uma nova compreensão da constituição das nações e etnias, dos usos e costumes, a extinção das indústrias de armas, e até o 'repensar' da teologia cristã, não mais a partir do dogma, mas a partir da vivência concretas de grupos que se inspiram na mesma fonte de sabedoria que inspirou Jesus. A **interdependência** possibilitaria uma nova página na teologia cristã levando a afirmações mais humildes, dialogais, existenciais e aproximativas.

A epistemologia patriarcal acentuou a linearidade do conhecimento – uma perspectiva contínua, de progresso em linha reta - que evoca o caminho da retidão, com conotação moral. Neste sentido, apresenta o conhecimento referindo-se a sua causalidade, como se o 'começo' tivesse algo de explicativo, de regenerativo. É, na verdade, uma linearidade circular. O ecofeminismo afirma que é preciso superar a linearidade para acolher a complexidade da **realidade processual que somos**. A epistemologia ecofeminista prefere o termo **processo** em vez de linearidade. Nas palavras de Ivone:

*“ Conhecer é perceber, captar, organizar, perder, transformar em forma de sentido o universo no qual existimos. E este é um processo contínuo, como as peças de caleidoscópio passível de novos arranjos. Basta um leve balanço para que tudo se organize de outra maneira, algumas formas se percam e não conseguimos recuperá-las. Nessa perspectiva não se consagra um momento do passado ou do futuro como um paradigma para todos os tempos mas afirma-se a extraordinária dinâmica do conhecimento, condicionando-a às necessidades vitais dos grupos humanos.”<sup>59</sup>*

O conhecimento é sempre condicionado, movido por uma determinada cultura, sendo assim, não se pode estabelecer certo conhecimento como ponto central ou paradigmático no qual todos deveriam ser julgados; segundo a autora, o termo '**processo**' expressa melhor a experiência humana e a estrutura cognitiva.

A antropologia tradicional confere um caráter dualista ao ser humano, existem as 'coisas do corpo' e as 'coisas da mente' ou 'do espírito'. Esse discurso não se refere apenas a uma linguagem para expressar maneiras diferentes de captar a realidade, trata-se de duas 'substâncias' conjugadas na existência. Assim, configura-se uma metafísica de contornos definidos, subsistente em uma cosmologia, antropologia e epistemologia que privilegiam “um mundo em detrimento de outro, partes do corpo em detrimento de outras, um sexo em detrimento de outro, a vontade do Criador em oposição à vontade das criaturas”<sup>60</sup>.

---

58 idem, p.62

59 idem, p.64

60 idem p. 65

Já para a perspectiva ecofeminista, somos convidadas-os a viver a unidade da matéria e da energia que nos constitui, somos convidadas-os a acolhermos a mortalidade de nossa vida junto com as flores, animais, nossos sonhos e deuses. Ivone destaca que há beleza nessa indissociabilidade e interconexão, pois convida a desenvolver novas posturas de vida.

### 2.3. Ecofeminismo, Novo Paradigma Científico e a Pessoa Humana

Por tudo o que já foi apresentado nessa pesquisa, cabe-nos ainda ressaltar a relação do ecofeminismo e especificamente da leitura ecofeminista da Bíblia (que tem as suas bases firmadas na própria tradição eclesial) com o novo paradigma científico que emerge para este terceiro milênio baseado na teoria da relatividade de Einstein e na teoria quântica. Entretanto, a ciência evolucionista já havia apresentado “um universo que, longe de ser uma máquina já construída e perfeita, está em contínua mudança, caminhando para uma complexificação crescente<sup>61</sup>. Admite-se então, teologicamente, a idéia/concepção de uma *criação contínua*, ou uma realidade processual como afirma a epistemologia ecofeminista.

Nos fenômenos atômicos e subatômicos verifica-se que as partículas não são objetos nem coisas, mas *interconexões*. Não existem elementos fundamentais independentes e isolados, mas uma complexa rede de inter-relações que fazem parte do todo. Garcia Rubio, no artigo citado, articula este novo paradigma com o conceito de pessoa na tradição cristã. E uma de suas críticas, para fundamentar uma antropologia cristã integral e não-dualista, está na separação do “patriarcalismo e do androcentrismo, sem cair com isso no matriarcalismo. A ruptura-oposição entre o ser masculino e o ser feminino é uma das principais causas da unidimensionalidade da nossa sociedade bem como do empobrecimento da vida eclesial”<sup>62</sup>. Mais uma vez, a perspectiva cristã justifica uma teologia e uma leitura ecofeminista da bíblia. Garcia Rubio também relaciona a crise ecológica e a pessoa humana, afirmando que o significado da pessoa humana está diretamente implicado no desafio ecológico, e que a crise ambiental está exigindo, para a sua superação, o desenvolvimento de novas relações entre o ser humano e a natureza. Relações que postulam uma visão integrada do ser humano e da realidade, no seu conjunto.

A literatura e hermenêutica ecofeminista bíblica pode representar uma resposta cristã adequada ao novo paradigma científico, porque como afirma Garcia Rubio, “não será inútil lembrar que muitos dos físicos que defendem a nova visão da realidade mostram simpatia manifesta pelo misticismo das religiões orientais. Pode ressurgir a velha tentação de o pessoal ser absorvido pelo todo, perdendo-se a singularidade irrepitível, o núcleo pessoal autônomo, próprio de cada pessoa”<sup>63</sup>. Ressaltamos que o conceito de pessoa é de fundamental importância para a questão da mulher, que por muito tempo foi considerada como *objeto* e sem núcleo pessoal autônomo. A teóloga Elisabeth S. Fiorenza, quando realizava sua conferência no I Simpósio de Teologia da PUC-Rio, definiu feminismo como “a noção radical de que mulheres são pessoas”.

Consideramos que o ecofeminismo místico-espiritual latino-americano propõe uma fecunda articulação que integre a dimensão antropológica (mulher) e a dimensão ecológica (natureza), evitando-se assim cair em dualismos estéreis. A crise ambiental foi causada pelo ser humano e portanto, devem ser abordadas ambas as perspectivas: da humanidade e da natureza. Fica patente que as diversas relações que foram construídas ao longo dos séculos associando mulher e natureza, acabaram por gerar um dualismo nocivo ao planeta e à própria existência humana. A partir de uma análise ‘eco-social’ constatamos que há relação entre a

---

<sup>61</sup> RUBIO, Alfonso Garcia, O novo paradigma civilizatório e o conceito cristão de pessoa”, **REB**, fasc.222, jun 1996, p.301.

<sup>62</sup> Idem, p.307.

<sup>63</sup> Idem, p.315.

opressão da mulher e o uso indiscriminado dos recursos naturais, já que o sistema patriarcal enquadra a mulher como um ‘recurso natural’.

Pelo seu caráter místico-espiritual, o ecofeminismo latino-americano aponta para o Transcendente, que é reconhecido e cultuado em povos e civilizações. Assim, o ecofeminismo torna-se capaz de ser efetivamente uma *teoria-práxis comunicadora de sentido, um sentido que todos os povos e civilizações entendem porque se relacionam com o Transcendente*.

O ecofeminismo bíblico surge em uma tradição eclesial em que “a pessoa, desde o início da sua contextualização, foi entendida no âmbito da relação”<sup>64</sup>. E é justamente o conceito de ‘relação’ e ‘inter-relação’ que está sendo utilizado no atual paradigma científico. Desta forma, há uma real possibilidade de diálogo entre a experiência cristã e as transformações necessárias que o novo paradigma científico propõe à civilização humana.

## Conclusões

A perspectiva ecofeminista da hermenêutica bíblica traz a possibilidade de uma leitura contemporânea das Escrituras, necessária para dialogar com o mundo no século XXI. No contexto da América Latina, a hermenêutica ecofeminista propõe perguntas aos textos bíblicos que ampliam os horizontes interpretativos e também promovem uma abertura para o “entendimento” dialógico com as culturas afro e indígena, possibilitando uma ação pastoral mais coerente com o evangelho.

A metodologia epistemológica do ecofeminismo propõe uma abordagem antropológica integral, incluindo as relações de gênero, humanos e não-humanos e com a natureza e o cosmo. O paradigma ecofeminista representa a possibilidade e esperança de transformação da realidade de destruição que os seres humanos estão realizando com o planeta e consigo mesmos. E a hermenêutica ecofeminista da Bíblia torna-se a principal referência para a compreensão desse paradigma a partir das Escrituras cristãs, e para que as Igrejas e comunidades possam agir na transformação da sociedade calcada nos princípios evangélicos.

Por último, concluímos que o ecofeminismo latino-americano está fundamentado em uma tradição que estabelece o conceito de pessoa (singularidade) - e que atualmente adquire significativa representação no diálogo com o novo paradigma científico. Destacamos o conceito de pessoa-singularidade no tocante à questão da relação e inter-relação com o cosmo e a natureza. Por fim, apontamos também a importância deste conceito para a realidade e contexto da mulher na sociedade, que reivindica ainda em 2008, sua dignidade de pessoa e autonomia próprias.

## Bibliografia:

- 1 – **A Palavra na Vida**, nº174, CEBI, São Leopoldo: 2002, 74p.
- 2 - **A Palavra na Vida**, nº 175/176, São Leopoldo:2002, 76p.
- 3 – **A Palavra na Vida** nº 177/178, CEBI, São Leopoldo: 2002, 62p.
- 4 – BOFF, Leonardo, **Nova Evangelização, Perspectiva dos Oprimidos**, Vozes: 1990
- 5 – GEBARA, Ivone, **Teologia Ecofeminista**, Ed. Olho D’água, São Paulo: 1997

---

<sup>64</sup> Idem, p. 282.

6 – NARVAZ, Martha Giudice, KOLLER, *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 3, Metodologias Feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política, p. 647-654, set./dez. 2006.

7 - Revista ECO 21, **Net**, acesso em 21 de ago disponível em:  
<http://www.eco21.com.br/textos/textos.asp?ID=982>

8 – espaço acadêmico n. 58 março 2006, **Net**, acesso em 21 agosto 2007 disponível em:  
<http://www.espacoacademico.com.br/058/58angelin.htm>

9 – REUTHER, Rosemary Radford, Ecofeminism, **Net** disponível em:  
<http://www.spunk.org/texts/pubs/openeye/sp000943.txt> acesso em 24 de ago 2007

10 - RUBIO, Alfonso Garcia, O novo paradigma civilizatório e o conceito cristão de pessoa”, **REB**, fasc.222, jun 1996.